

LUÍS JOAQUIM ALCÁCER

Estratégia

Na altura da criação do Laboratório de Física e Engenharia Nucleares (LFEN), aconteceu o que sempre aconteceu e acontece, agora mais do que nunca: é que *nunca há uma estratégia* clara e por tempo suficiente para que a coisa vingue, ou não fossemos o país do “embaçado”. Quando há algum vislumbre de estratégia, ela é rapidamente esquecida, e muda. Isto não significa que o LFEN não dispusesse de objectivos claros. Pelo contrário, penso que os governantes da altura, o criaram (na sequência da criação da JEN) i) porque os outros países há muito tinham instituições e laboratórios semelhantes, ii) porque era necessário fazer a prospecção e exploração do urânio, e iii) porque era preciso preparar pessoal técnico e científico na área nuclear.

Nas palavras de José Frederico Ulrich, presidente da JEN, as finalidades do LFEN (na altura da inauguração, em 1961) eram o *estudo dos nossos minérios de urânio e a especialização de pessoal no manejo dos reactores nucleares*. Pretendia-se, *ainda*, que o Laboratório constituísse um centro de ensino e investigação ao serviço das nossas escolas e da indústria nacional. Ora, aqui surge uma certa ambiguidade: na minha opinião as atribuições expressas do LFEN, no que respeita à formação, eram limitadas à *especialização de pessoal no manejo dos reactores nucleares e em áreas conexas* como, por exemplo, a manipulação de isótopos radioactivos, monitorização de radiações, etc. Se o LFEN deveria ser, *ainda*, um centro de ensino e investigação ao serviço das nossas escolas e da indústria nacional, é porque alguém o disse ou escreveu e porque era certamente a opinião de pessoas como Leite Pinto, que, a dada altura, afirmou que *criou a JEN (e a JNICT) para se formar uma elite portuguesa de homens de ciência...*

Após a segunda revisão da Lei Orgânica da JEN (em 1968), os objectivos do LFEN continuam a ser claramente restritos ao nuclear (aplicações energéticas e não energéticas), incluindo a formação.

Portanto, em minha opinião, o(s) governo(s) sempre quiseram que a JEN (e o seu LFEN) se dedicasse exclusivamente a actividades no domínio do nuclear, tendo, nomeadamente, em vista, um *programa nuclear* que nunca veio a concretizar-se. Tinham, portanto, uma estratégia que talvez não tenham imposto com força e meios suficientes, embora o esforço financeiro feito na altura tenha sido considerável, e talvez nunca tenha sido igualado (em proporção), nem nos tempos presentes. É claro que não havia, no país, nem *indústria* nem *ambiente científico* capazes de levar para a frente um programa nuclear, a não ser que o País se limitasse a comprar centrais *chave na mão* ou pouco mais. Tendo isso em consideração, muitos dirigentes (e.g. Leite Pinto) abriram um pouco o LFEN a actividades à margem do estritamente nuclear.

Como um pouco por todo o lado, a implementação dos programas nucleares de produção de energia passou para as mãos da indústria – (...) *por volta de 73, a JEN perde para a Companhia Portuguesa de Electricidade a influência que tinha nas decisões sobre o programa nuclear(...)* – e naturalmente o LFEN vê os seus objectivos esfumarem-se.

Portanto, os objectivos do LFEN eram claros no início e permaneceram claros durante cerca de uma dúzia de anos.

Clientela a servir

Os clientes a servir pelo LFEN seriam naturalmente os utilizadores das *coisas nucleares...* e estavam claramente definidos.

Colaboração com outras instituições

Não creio que a JEN tenha ficado dissociada das Universidades. Havia muitos consultores (nacionais e estrangeiros) que eram professores das universidades. Alguns foram de facto consultores (e.g., Maddock da Universidade de Cambridge, especialista em química do urânio e transurânicos, Bernardo Herold, Jorge dos Santos Veiga), e lançaram e apoiaram linhas de investigação relevantes para a área nuclear. Muitos outros – talvez porque foram simplesmente convidados para consultores, por razões diversas, sem lhes ter sido dito

claramente para quê – usaram os meios do LFEN para promover a sua investigação académica, pouco ou nada contribuindo para os objectivos do LFEN e da JEN. (Creio que alguns, pelo menos, eram pagos pelos seus *serviços*.)

Também não creio que o LFEN tenha fechado as portas aos professores das universidades...

Creio que a(s) Direcção(ões) do Laboratório procuraram algum apoio externo, que no início talvez tenha sido adequado (embora, porventura, talvez insuficiente). Creio que o problema não era a falta de apoio externo. Era sim a falta de um ambiente interno propício ao desenvolvimento científico e tecnológico....

Recursos Humanos

Recordo-me de que, quando me candidatei ao LFEN (*circa* 1963 — ainda no período em que, na minha opinião, o LFEN tinha objectivos claros), o Eng.º Marques Videira, então responsável pelo Departamento de Química, me disse: *olhe que a carreira de investigação é mal remunerada...*

De facto, já nessa altura, a carreira de investigação científica, como a carreira docente universitária, era pouco aliciante (em termos de remuneração). Esse problema punha-se relativamente a toda a função pública. Certamente que esse facto desmotivava as pessoas, pelo menos a partir de certa altura da sua carreira. E não era a única causa de desânimo: a ele se juntavam a (não) promoção na carreira, o começo da descrença nos objectivos do LFEN e a conseqüente desmotivação. Por isso, muitos foram os que deixaram o LFEN.

Julgo que, no final da década de setenta, a mobilidade passou a ser predominantemente do LFEN para as universidades, sem movimento notório em sentido inverso, depois da entrada em vigor do Estatuto da Carreira Docente Universitária que criou vantagens relativas desta carreira em relação à Carreira de Investigação Científica.

Nota biográfica

Nasceu em Lisboa (1937). Licenciado em Engenharia Química (IST, 1962) e doutorado em Química pela Universidade da Califórnia (1970). Professor Catedrático do Departamento de Engenharia Química do Instituto Superior Técnico (1979).

De 1964 a 1979 foi investigador na então Junta de Energia Nuclear (actual ITN), onde criou o grupo de Química-Física do Estado Sólido, com o qual tem mantido estreita colaboração, no domínio dos condutores moleculares e dos supercondutores cerâmicos.

Presentemente, as suas actividades de ensino e de investigação decorrem no Instituto Superior Técnico e no Instituto de Telecomunicações (pólo de Lisboa).

Novembro de 2003